

São Paulo tem evasão equivalente à de Maceió

O índice de 25% de abandono da escola na capital mais rica do País equipara-se ao da capital de um dos Estados mais pobres do Brasil, que é de 26%

GABRIELA ATHIAS

Em São Paulo, uma em cada cinco crianças matriculadas na rede municipal de ensino fundamental (de 1.ª a 8.ª séries) desiste de estudar antes do fim do ano letivo. O índice de 25% de evasão e abandono escolar da capital mais rica do Brasil é equivalente ao de Maceió, a capital de um dos Estados mais pobres do País, que é de 26%. Em Curitiba, a taxa é de 3%. Os dados são das Secretarias Municipais da Educação.

Na Escola Anália Franco Bastos, onde todos os alunos são moradores da Favela Nelson Cruz, no Bairro do Belém, zona leste, 52% dos alunos matriculados saem da escola antes do fim do ano letivo. Como esses estudantes são principalmente filhos de migrantes nordestinos desempregados, a escola deveria ser para eles a única possibilidade de ascensão social, mas esbarra na falta de condições básicas de funcionamento. Algumas dessas crianças já foram, até mesmo, protagonistas de tragédias, como o incêndio que destruiu a favela localizada embaixo da Ponte do Tatuapé, na zona norte.

Para a secretária de São Paulo, Hebe Tolosa, essa taxa de 25% deve-se não apenas a deficiências pedagógicas e de estrutura das escolas, mas às condições de saúde dos estudantes da periferia.

O primeiro relatório do Projeto Saúde na Escola, que examinou 907 alunos da Escola Desembargador Teodomiro Dias, na Vila Sônia, na zona sul, concluiu que 60,6% deles apresentavam problemas de saúde. Entre essas crianças, 235 têm deficiências auditivas e visuais, que dificultam a capaci-

dade de aprendizado. “As condições de saúde da maioria das crianças da periferia com certeza é muito semelhante à encontrada na Escola Teodomiro Dias”, diz Hebe.

Auto-estima – A secretária assegura que a ronda escolar de saúde chegará a todas as escolas da rede municipal. “Temos de recuperar a auto-estima dos alunos”, diz Hebe. A secretária pretende dotar as escolas de espaços de recreação e abri-las à comunidade.

Quando a ronda da saúde chegar à Escola Anália Franco, no início da próxima semana, encontrará crianças descalças e maltrapilhas. “Aqui, 97% das crianças são filhos de migrantes nordestinos”, explica o assistente de direção, Antônio Thozzi.

Cada vez que a família muda de favela, leva a criança junto. Nessa situação está Estela Gonçalves, de 13 anos, uma das filhas das 120 famílias desabrigadas após o incêndio na Ponte do Tatuapé.

“Eu já apareci no jornal”, conta Wellington Borges, um dos garotos que moravam no túnel da Avenida Paulista, antes de ser retirado pela polícia, em 1995.

Parceria – A escola conta com sala de vídeo, 17 microcomputadores – que ficam trancados – e com a boa vontade de Thozzi. A coordenadora Regina Aparecida, que trabalha lá há um ano, não sabe sequer a quantidade de alunos da escola. “Precisamos de parcerias”, admite Hebe Tolosa.

Apesar de estar a menos de 25 quilômetros de Avenida Paulista, de onde saiu Wellington, a pobreza lembra a das escolas visitadas, este ano, pelo Estado no alto sertão paraibano.

EM
CURITIBA,
A TAXA É
DE 3%